

Alunos da Esalq vão ao Maranhão

Projeto da USP proporciona orientação sobre saúde e meio ambiente a comunidade carente

O antigo ditado popular que diz “é melhor ensinar a pescar do que dar o peixe”, tem sido colocado em prática no projeto Bandeira Científica, liderado pela Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo). Em dezembro do ano passado, oito alunos da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), de Piracicaba, tiveram a oportunidade de vivenciar a importância de atuar em comunidades carentes, de forma a garantir o desenvolvimento da saúde da região visitada, que inclui não apenas a abordagem das doenças, mas também os aspectos ambientais e sociais a elas relacionados.

Dentro do projeto, alunos como Nelson Poli e Juliana Kobayashi, graduandos do curso de gestão ambiental, e Monise Zamboni, graduanda de agronomia, realizaram — com a colaboração da Universidade Estadual do Maranhão —, um trabalho de orientação à lavoura junto à população de Teso, um pequeno povoado com cerca de 600 pessoas, localizado na zona rural de Penalva-MA, cuja população estimada é de 33 mil habitantes. Os alunos da Esalq que participaram do projeto de extensão são integrantes da Esalq Júnior Consultoria.

Segundo Poli, os agricultores

locais praticam a roça de toco. Eles desmatam uma determinada área e queimam o terreno para plantar sem qualquer adubo, seja orgânico ou químico. Com esse tipo de cultura, em dois anos o solo já está muito desgastado e demoraria cerca de 30 anos para se recuperar totalmente, pois durante a queimada muitos sais minerais do solo são perdidos.

“A realidade de vida daquele povoado é muito diferente da nossa. O local é extremamente pobre e a maioria das pessoas que vivem lá é analfabeta. Ficamos no povoado por 12 dias e foi necessária uma abordagem especial, para fazê-los entender que se continuassem plantando daquela forma, em alguns anos, não haveria mais terra para o cultivo”, disse Poli.

Monise explicou que o trabalho realizado pelos alunos da Esalq tentou passar preceitos gerais relacionados à construção de um canteiro, como deve ser feita a suspensão e preparação do solo, marcação e quais tipos de culturas devem ser semeadas. “As técnicas de cultivo na região ainda são rudimentares, as mesmas de décadas atrás, as quais foram sendo passadas através das gerações. Nossa maior missão foi mostrar a eles, de uma forma que pudessem entender, que aquela prática não



Mateus Medeiros/JP

VIVÊNCIA

Nelson, Monise e Juliana: experiência em Teso foi enriquecedora

era a correta”, disse.

Juliana disse que além de ensiná-los sobre a forma correta de plantio sem que degradassem o meio ambiente, também tiveram a missão de estimular a esperança nessas pessoas. “Nesses 12 dias não só aprendi mais sobre gestão ambiental, como fiquei tocada com as histórias daquelas pessoas, a maneira como encaram a vida e a pobreza em que vivem”, disse.

Os estudantes disseram que, ao todo, 300 graduandos de dezenas de cursos da USP participaram do projeto. “É uma experiência muito enriquecedora. Ao mes-

mo tempo que falamos sobre as formas corretas de plantio, o estudante de medicina avalia a saúde deles, o de fisioterapia ensina a forma correta de pegar na enxada, o de odontologia fala sobre higiene bucal e assim por diante”, disse Poli.

O Bandeira Científica foi criado em 1957, ficando parado de 1969 até 1998. Desde o seu recomeço, o projeto já beneficiou 12 municípios, atendendo mais de 30 mil pessoas. “O mais gratificante de tudo é saber que você conseguiu mudar pra melhor a vida de uma pessoa. Acho que isso é nossa maior recompensa”, disse Poli.